

TRANSCULTURAÇÃO: MEDIAÇÃO ENTRE SÍNTESE E SIMBIOSE

Roland Walter
UFPE

Além do termo 'globalização', o conceito de 'mobilidade' caracteriza a nova ordem mundial. O movimento entre e dentro de comunidades, nações e continentes não é uma novidade. O que é novo nesta fase da globalização e mundialização é um aumento rápido na mobilidade de populações nacionais e internacionais: milhões de pessoas em toda a parte do mundo passam a fronteira da sua região, estado, nação ou continente em busca de trabalho e bem-estar num mercado global que muda continuamente. Uma das consequências deste nomadismo atual é, segundo Gómez-Peña, uma redefinição não somente de "fronteiras geopolíticas", mas especificamente de "linguagem, ... identidade nacional e pessoal, ativismo, arte e cultura popular"¹. No contexto desta mobilidade com as suas realidades descontínuas, histórias fragmentadas e espaços/lugares intermediários e sobrepostos, resta saber como analisar a relacionalidade das culturas, literaturas e línguas moldadas de maneira fractal. A meu ver, um dos modelos mais úteis para medir as semelhanças e diferenças das relações/realidades fractais da nossa contemporaneidade é a transculturação. Ao contrário de Antonio Cornejo Polar, que sugere o uso do termo 'heterogeneidade' como alternativa ao conceito de transculturação, porque abrange questões tanto culturais quanto sociais, e de Alberto Moreiras, que considera a síntese conciliadora subjacente aos processos transculturais como uma prática ideológica que está em relação de cumplicidade com a metafísica ocidental², quero alegar nas seções subseqüentes que deveríamos

¹ GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. *Dangerous Border Crossers: The Artist Talks Back*. New York: Routledge, 2000. p. 11. As traduções neste trabalho são de minha autoria.

² CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: Literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 194; MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: A política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 234.

manter o conceito de transculturação como paradigma crítico para a exploração dos espaços intersticiais e sobrepostos que resultam do contato intercultural.

Cunhado por Fernando Ortiz nos anos 40 do século XX e reinterpretado por, entre outros, Nancy Morejón, Angel Rama e Antonio Benítez-Rojo³, o termo 'transculturação' marca a relação intra e intercultural entre nações, regiões, raças, etnicidades, classes, gêneros e linguagens na interface ambígua de tempos pré-modernos, modernos e pós-modernos nas Américas. Segundo Nancy Morejón, seguindo Ortiz, é impossível pensar e compreender as nações caribenhas sem tomar em consideração o processo que as criou, a saber: a transculturação. Para Morejón, que analisa a transculturação de uma perspectiva cubana e a equipara com a *mestizaje* etnoracial, a transculturação significa uma mistura entre dois ou mais elementos, conduzindo à formação de novas configurações culturais. Esse processo é caracterizado por intercâmbios culturais nos quais "[n]ingún elemento se sobrepone a otro", mas "uno se torna otro hasta convertirse en un tercero". O resultado, como no caso de Cuba, é "una nación homogénea en su heterogeneidad"⁴. Este uso de transculturação como uma confluência de raças e etnicidades heterogêneas, que implica a *igualdade* das partes que constituem, de maneira tensional, a nova e homogênea nação cubana – um choque violento que resulta num casamento feliz –, sugere uma solução antes sintética do que simbiótica à injusta estrutura de poder (colonial/etnoracial) subjacente aos intercâmbios transculturais. Em seguida quero destacar dois pontos do argumento de Morejón que são de importância para a minha discussão. Primeiramente, acho que ela faz uma leitura equivocada do contraponto ortiziano, interpretando-o como uma relação de *igual* entre elementos diferentes. O

³ ORTIZ, Fernando. *Cuban Counterpoint: Tobacco and Sugar*. New York: Alfred A. Knopf, 1947 [1940]; MOREJÓN, Nancy. *Nación y mestizaje en Nicolás Guillén*. La Habana: Ediciones Unión, 1982; RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1982; BENÍTEZ-ROJO, Antonio. *The Repeating Island: The Caribbean and the Postmodern Perspective*. Durham: Duke UP, 1996.

⁴ MOREJÓN, Nancy. *Nación y mestizaje*. p. 19-20.

contraponto em Ortiz entre tanto tabaco e açúcar quanto ritmos europeus e africanos, descreve uma relação tensional, na qual a participação das diferentes partes é de importância igual, mas na qual tanto o trabalho manual e mecânico, o pequeno cultivo baseado na família e o grande baseado na economia de plantação, quanto diferentes instrumentos e ritmos escrevem textos e subtextos na mesma página, mas em diferentes linhas, determinadas por prestígio e poder e com distintos efeitos em diferentes lugares. Em outras palavras, Ortiz era bem consciente do fato que as relações transculturais são inscritas nas estruturas geopolíticas e econômicas e que os seus elementos independentes são ligados, separados e justapostos de maneira contraditória e complementar, mediante fronteiras tanto inclusivas quanto exclusivas. Em segundo lugar, considerando que os elementos heterogêneos são implicados num processo contínuo de mudança, o objetivo neoculturado nunca é atingido, sendo constantemente diferido como uma fuga. Isso significa que a transculturação em Ortiz não designa uma *fusão* sintética e dialética dos elementos culturais heterogêneos. O que forma o espaço-nação, a identidade e a cultura nacional em Ortiz é uma conceituação transcultural caracterizada por uma tensão entre síntese e simbiose, fusão e coexistência antagônica, uma interação cujos estágios não se pode traçar inteiramente⁵.

O que liga Ortiz a críticos mais recentes como Morejón e Rama é a diferenciação entre texto e *subtexto*: a nação como texto homogêneo é constituída pela diferença cultural enquanto subtexto heterogêneo – isto é, a heterogeneidade é *aufgehoben*⁶ enquanto elemento da formação do Estado e

⁵ Embora Ortiz use de vez em quando os adjetivos "sintético" e "sincrético" para descrever a natureza transcultural das diferentes economias, culturas e estilos de música em Cuba, o seu significado é minado pelos múltiplos "contrastes econômicos, sociais e históricos" não resolvidos que sustentam o conceito de 'transculturação' ortiziano. A citação seguinte demonstra que o significado destes adjetivos reside na tensão dos seus contrários complementares, isto é, da fusão e da disjunção: "A evolução histórica dos fenômenos econômicos e sociais é extremamente complexa e a variedade de fatores que os determinam provoca que variem imensamente durante o seu desenvolvimento: às vezes há semelhanças que fazem com que apareçam idênticos, às vezes as diferenças fazem com que apareçam completamente opostos" (*Cuban Counterpoint*, p. 97).

⁶ No sentido da categoria hegeliana de *Aufhebung*: um procedimento de ao mesmo tempo eliminar e preservar.

da identidade nacional⁷. Seja a transculturação situada dentro da dinâmica contrapontística social, econômica e cultural de mercadorias e ritmos (tabaco, açúcar e tambores) como em Ortiz, ou seja ela problematizada como uma forma cultural da escrita que mistura técnicas européias vanguardistas – tais como a fragmentação narrativa, o monólogo interior e o fluxo de consciência –, com formas orais e estruturas narrativas latino-americanas como em Rama, ela é uma metáfora da *inclusão*, da *integração conciliadora* dos elementos de culturas diferentes. Esta incorporação de elementos culturais, uma dinâmica intercultural que envolve a perda parcial e a assimilação de elementos culturais no processo da reinvenção cultural, sufoca o desenvolvimento da heterogeneidade cultural mediante a escrita do universal sobre o particular. A unificação de diferentes raças, grupos étnicos, regiões, línguas e literaturas em volta de uma identidade cultural e nacional comum congela as negociações e lutas contínuas inerentes a sua constituição fluida. Nesse contexto, o movimento da parte para o todo, na medida em que reconhece a diferença cultural como um agente *subtextualizado*, acerca-se perigosamente de uma legitimação daquilo que inicialmente queria minar, isto é, o discurso do hibridismo como síntese promovendo assimilação – a unidade em semelhança –, discurso este que funciona como a base epistêmica e motor para o desenvolvimento dos Estados e identidades nacionais modernos. Esse discurso transcultural, portanto, por oscilar de maneira ambígua entre a diferença e a semelhança, entre a consideração da cultura, da identidade e da nação, tanto como processo dinâmico de significação quanto como signo inerte, põe entre parênteses o excesso incomensurável produzido na zona de contato dos seus elementos constitutivos.

⁷ A questão da "colonialidade", portanto, não "está ausente" em Ortiz, como afirma Mignolo, mas constitui o subtexto em fermentação do texto principal, ou seja, da nação e da nacionalidade. Ver MIGNOLO, Walter D. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton, NJ.: Princeton UP, 2000. p. 16.

Antonio Benítez-Rojo contestou este fechamento da entre-zona transcultural. Mediante uma reelaboração do contraponto ortiziano entre tabaco e açúcar dentro de um contexto pós-moderno neocolonial, no qual os discursos científicos e as grandes narrativas da modernidade ocidental se chocam com os ritmos orais pré-modernos do Caribe, Benítez-Rojo transcreve a transculturação enquanto inclusão e totalidade *sintética* para a transculturação como desordem *heterotópica* e "super-sincrética", esta caracterizada por barulho, falta, fragmentação, liminaridade e caos. Para Benítez-Rojo, as relações transculturais são caracterizadas por uma coexistência de dinâmicas culturalmente diferentes que exclui a naturalização sintética (ou seja, a subjugação como subtextualização) dos elementos de uma cultura naqueles de uma outra cultura. Essas relações, em vez de constituir homologias, são marcadas pelo que ele chama de "as equações diferenciais insolúveis". Esses processos transculturais, portanto, não são *Aufhebungen* mas ressaltam a tensão antagônica e complementar entre os elementos culturais diversos "porque contribuem para alargar o jogo das diferenças"⁸. A partir dessa perspectiva, as formações culturais não desaparecem em outras (aculturação e desculturação), sendo que os indivíduos cujas identidades estáveis cedem a identidades-em-processo caracterizadas por identificações móveis fazem malabarismos com elas. Essa mudança de utopia para heterotopia, de síntese para simbiose e de condensação para difração na definição da transculturação – isto é, a mudança de uma preservação negada das identidades originais na formação de uma nova identidade *nacional* para uma justaposição ou um paralelismo radical de múltiplas identificações *pós-nacionais* – é de suma importância porque reinscreve a heterogeneidade cultural como excesso incomensurável no contato transcultural e, assim, abre um processo histórico e teórico fechado pela absorção conciliadora.

⁸ BENÍTEZ-ROJO, *Repeating Island*. p. 20-21, 24-29.

O conceito de uma 'nova consciência *mestiça*' da escritora chicana Gloria Anzaldúa parece exprimir uma idéia semelhante: uma maneira "pluralista" de viver, pensar e estabelecer relações que "faz malabarismos com as culturas" e "sustenta contradições" com a intenção de transformar a inerente "ambivalência" numa "síntese" heterogênea, isto é, numa unidade-em-diferença aberta, móvel e, assim, diferida. A sua focalização de múltiplos espaços fronteirizos, separando e ligando diferentes posições de sujeito, etnias, estados mentais, linguagens, gêneros, lugares geográficos, etc., articula o "desassossego psíquico" da entre-condição intercultural – de ser nem um/a nem outro/a e, contudo, todos os dois – inerente às passagens transculturais de fronteira: "Porque eu, uma *mestiça*, continuamente saio de uma cultura e entro em outra, porque estou em todas as culturas ao mesmo tempo, *alma entre dois mundos, três, quatro, me zumbe a cabeça com o contraditório. Estou norteada por todas as vozes que me falam simultaneamente*"⁹. A solução a este estado intersticial dos chicanos e latinos nos Estados Unidos, segundo Anzaldúa, reside na desconstrução das fronteiras mentais: deve-se viver "sem fronteiras", transformando-se em "uma encruzilhada".

Embora aprecio a qualidade subversiva da sua escrita de resistência, acho que ela é minada por várias contradições e inconsistências. Quero salientar, de maneira sucinta, aquela mais relevante para a minha discussão sobre a transculturação. "Viver sem fronteiras" significa a aceitação e a tolerância de diferenças. A escrita de Anzaldúa, porém, fetichiza a cultura asteca como uma cura da entre-condição chicana. Além de privilegiar o signo indígena sobre os muitos outros signos étnicos que constituem a mestiçagem chicana, Anzaldúa liga essa ressurreição nostálgica do passado com a posse neo-imperialista e racializada de território: "Esta terra foi mexicana / sempre era indígena / e é. / E será de

⁹ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera*. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987. p. 79-80; 77, 78.

novo" (91)¹⁰. O que caracteriza *Borderlands/La Frontera*, portanto, é um discurso e uma narrativa transculturados que misturam línguas diferentes (a mudança de códigos entre o inglês, o espanhol e o náuatle) e gêneros literários (o ensaio, a poesia, a autobiografia, e o *testimonio*) e paradoxalmente transmitem um *ethos* e uma cosmovisão, cuja natureza transculturada aspirada é escarvada pelo seu oposto monocultural. Em outras palavras, o livro de Anzaldúa é um exemplo principal da transculturação como fusão e paralelismo/juxtaposição, a oscilação e tensão ambígua e ambivalente entre vozes homogêneas centrípetas e vozes heterogêneas centrífugas.

Um outro cruzador de fronteiras é o artista de performances Guillermo Gómez-Peña. Como '*Border Brujo*', '*Cyber Aztec*' ou '*Warrior for Gringostroika*' Gómez-Peña atravessou e habitou o espaço fronteiro entre o México e os Estados Unidos, criando um espaço intersticial entre a arte, o Direito (inter)nacional, as esferas públicas e privadas, o sublime e o popular com a performance de diferentes personagens e a entoação de seus discursos como mudança de códigos lingüísticos entre o espanhol, o inglês, o *spanglish* e a gíria. A pedra angular deste projeto, é uma performance fronteira que cria entre-espços abertos e situações fluidas caracterizadas por irresolução. O objetivo desta performance estético-política é enfrentar, sentir e revelar a multiplicação e divisão da identidade, a criação de novas relações identitárias e a sua tradução para e mediante o discurso: a performance como um meio propulsionado pela linguagem para problematizar o conhecimento híbrido transculturado de si próprio. Nesse processo, Gómez-Peña salienta a mudança cultural de uma identidade estável e fixa para uma identidade relacional em processo nestes espaços e situações intersticiais: ser um 'cidadão fronteiro' ... significa que sou sempre o outro, podendo escolher a minha identidade. Dependendo do contexto

¹⁰ Anzaldúa se refere ao território que o México, depois da invasão das tropas norte-americanas, cedeu aos Estados Unidos em 1848.

posso ser um mexicano, um pós-mexicano, um chicano, um *chica-lango* (metade chicano, metade *chilango*), um latino-americano, um trans-americano ou um americano"¹¹. A performatividade, portanto, evoca a transculturação como transcrição de papéis identitários estáveis. Segundo Gómez-Peña, este paradigma fronteiro de perspectivas interculturais é baseado na experiência existencial dos latinos/as nos Estados Unidos. Nesse sentido, a performance marca uma situação efêmera, na qual práticas diárias tornam-se estéticas mediante traduções multiculturais e multi-etnoraciais. Nesse processo, ela ilumina a luta hegemônica entre experiências e práticas locais e forças e estruturas globais; isto é, ela revela o processo transcultural da apropriação e reapropriação mútua que caracteriza (e constitui) a 'zona de contato' que liga, separa e transforma o local e o global e que está inscrita no e articulado pelos corpos e mentes de pessoas atuantes. A performance transcritiva como atividade crítica que fala desde os entre-lugares, portanto, transforma o saber de representação em saber de atuação performática com a intenção de moldar um consenso cultural alternativo baseado em tolerância e diversificação da diferença cultural. Encenando o deslocamento e a reterritorialização, o desarraigamento e o arraigamento, o silêncio e a resposta provocante, o isolamento e o contato mediante a performance, Gómez-Peña comunica entre e através de uma variedade de fronteiras. A sua focalização performática da porosidade de fronteiras em consequência do que ele chama a "fronteirização"¹², examina e problematiza a transculturação como organizadora e mediadora do espaço-temporalidade não-sincrônico interruptor entre as culturas, línguas, posições e definições da subjetividade. Iluminando o processo da entre-condição – onde o gênero, a sexualidade, a linguagem, a raça, a etnicidade, a classe e as posições do sujeito se encontram, se chocam, se sobrepõem e se transformam em constante

¹¹ GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. *Warrior for Gringostroika*. Saint Paul: Graywolf Press, 1993. p. 21.

¹² GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. Border Culture and Deterritorialization. *La Linea Quebrada* 2.2, p. 1, March, 1987.

mobilidade – essa arte performática enfatiza a transculturação como um processo sempre aberto e diferido.

Na sua evocação de diferentes valores e significados numa complementaridade contraditória e mesmo paradoxal, estes enfoques, definições e visões da transculturação ilustram a ambivalência do termo. Se a complementaridade contraditória das forças e práticas locais e globais e o inerente fluxo de pessoas, capitais e influências interculturais produzem desenvolvimentos geográficos, sócio-políticos e econômicos desiguais – a diferenciação inter e intracultural e/ou a exploração das pessoas por raça, etnicidade, sexo, gênero, idade, classe e nacionalidade, assim como as divisões entre e dentro das regiões locais e (inter)nacionais – e se a transculturação é a situação comum compartilhada por estes diferentes tipos de desenvolvimento, na medida em que ela negocia os seus interstícios e media a sua relação, neste caso, portanto, a transculturação também tem que ser vista como um modo desigual. A transculturação, quero afirmar, deveria ser compreendida como um modo multivalente que abrange um diálogo (uma harmonia) incômodo entre a síntese e a simbiose, a continuidade e a ruptura, a coerência e a fragmentação, a utopia e a distopia, o consenso e a incomensurabilidade, a desconstrução e a reconstrução. Um diálogo (uma harmonia) desconfortável, em outras palavras, entre forças e práticas hegemônicas e contra-hegemônicas, entre gestos, atos e estratégias de coerção, expropriação e (re)apropriação, que discrimina entre diversas categorias: a assimilação intencional e imposta, o autodesprezo internalizado e diversas formas de resistência como a mímica e a transescrita¹³. Como tal, a transculturação é uma força crítica que permite que tracemos as maneiras de transmissão que acontecem entre culturas, regiões e nações, particularmente aquelas caracterizadas por relações de

¹³ A transescrita significa uma maneira de escrever que move *através de* um espaço intersticial dentro e entre fronteiras, atravessa os territórios culturais compostos de múltiplas zonas de contato e se esforça para ir *além* desse limbo intersticial, isto é, para mudá-lo.

poder desiguais e enraizadas e dissipadas no (neo)colonialismo, na escravidão, na diáspora e na migração. Além disso, como tal negociadora da zona intersticial de disjunções e conjunturas inter e intraculturais – o lugar onde diversas histórias socioculturais, costumes, valores, crenças e sistemas cognitivos, cujas diferentes representações não se diluem umas nas outras, são contestados e entrelaçados – a transculturação mede o entrelaçamento da produção local e global e a interação da diferença e da semelhança.

Tanto a diferença como a semelhança são ligadas, de maneira inevitável, às políticas de dominação, subalternização e resistência. Levando em conta o fato de que a identidade não é um estado de ser ou uma condição inerente, mas um efeito de significação produzido pela relação complexamente entrelaçada entre a representação simbólica e específicas políticas socioculturais e econômicas, e, além disso, considerando que a identidade é sempre colocada numa relação diferencial com outra identidade, a dessubalternização da identidade subalterna, por exemplo, para poder materializar e começar a sua contra-atuação, implica a apropriação crítica e subversiva do discurso dominante. Somente uma compreensão da imagem negativa da subalternidade facilita a recriação de uma alter-imagem. Se o subalterno não pode ser pensado sem o sujeito dominante, os dois implicados numa estrutura hegemônica baseada em diversas formas de desigualdade sociocultural, e se as políticas de subalternização e dessubalternização são envolvidas nos processos transculturais de apropriação e reapropriação, não faz muito sentido propor o subalternismo como modelo alternativo de interpretação cultural à transculturação, como sugere Moreiras¹⁴. A transculturação, considerada como modo multivalente, mapeia a (in)comunicabilidade inerente à divisão entre o sujeito subalterno e o sujeito dominante na zona intersticial. Por conseguinte, deveríamos relacionar o subalternismo e a

¹⁴ MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença*. p. 200-202.

transculturaco para mapear as forças dinâmicas que produzem, limitam, prorrogam e transformam as posices identitárias dessemelhantes em zonas inter e intraculturais específicas.